

## POLYCARPO SCHUHEN: EDUCADOR INCANSÁVEL, HOMEM DE INTUIÇÃO E DA INSTITUIÇÃO

Clarícia Otto\*

*Que se façam esforços e  
mais esforços para a fundação de escolas.*  
(Polycarpo Schuhen, 1934).

O franciscano Polycarpo Schuhen, integrante da Ordem dos Frades Menores (OFM), é uma personalidade singular que marcou presença nas escolas paroquiais, nos cerca de vinte anos vividos no Estado catarinense. É mister incluí-lo nos estudos sobre a História da educação de Santa Catarina, da mesma forma que o franciscanismo na História da educação brasileira deve ser incluído. Certamente, além de Polycarpo, uma plêiade de clérigos da Ordem Franciscana carece de estudos.

Um estudo sobre esse personagem é importante na medida em que contribui para a compreensão, pelo menos em parte, do período em que viveu e das relações estabelecidas com a coletividade. Nesse sentido, por meio de um enfoque sobre o individual, este artigo objetiva fornecer subsídios demonstrando estar o clero, porta-voz da igreja católica, nas primeiras décadas do século XX, comprometido com a rede de escolas paroquiais e afinado com o projeto de romanização. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se olha para a individualidade de uma pessoa, busca-se entender parte das aspirações da hierarquia católica no tocante à questão escolar.

Recentemente, houve um amadurecimento dos pesquisadores para o uso documental das biografias e, em conseqüência, uma retomada pelo estudo de indivíduos, tanto pelos historiadores quanto pelos jornalistas. Esse novo interesse pela biografia surge no bojo de uma ampla renovação historiográfica que procura não isolar o personagem: “a biografia de agora não isola, como no passado, o personagem como se este fosse de nenhuma época e nenhum lugar. Ela é mais um meio de penetrar na mentalidade de um grupo”.<sup>1</sup>

---

\* Doutora em História e professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de pesquisas em ensino de História (NipeH).

<sup>1</sup> RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. A volta da história política e o retorno da narrativa histórica. In: SWAIN, Tânia Navarro (org.). *História no plural*. Brasília: Ed. da UnB, 1994, p. 101.

Assim, o caminho para análise da mentalidade e da práxis de frei Polycarpo é a compreensão da mentalidade de outros confrades, ou seja, do período histórico – segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX – haja vista ele não ter deixado nenhuma autobiografia e o seu necrológio ser sucinto: este menciona apenas os principais dados biográficos, lista o nome das localidades nas quais trabalhou e as circunstâncias de sua morte. Cumpre lembrar que a mesma precaução adotada ao utilizar como fonte de pesquisa uma autobiografia, deve-se ter para com o uso do necrológio como fonte. Geralmente, tanto a autobiografia como o necrológio são estruturados numa ordem de fatos que procuram impressionar o leitor. Esses registros, ao selecionar acontecimentos vivenciados pelo personagem, tendem a ordená-los para que tenham coerência e expressem um conjunto de sentidos num esforço de (re)apresentação e de (re)criação do personagem em questão. Nesse aspecto, mesmo conciso, o necrológio de frei Polycarpo apresenta indícios dessa ordenação de fatos que buscam causar uma impressão de coerência, estabelecendo conexões entre as idéias a serem transmitidas e os fatos vividos pelo biografado.

Dessa forma, compreendendo que a vida de frei Polycarpo não está desconectada do mundo no qual viveu, no item 1 deste artigo, salientam-se os antecedentes ao período de chegada dos franciscanos a Santa Catarina. Isso se faz necessário porque, a partir da segunda metade do século XIX, passa a vigorar a política católica ultramontana e desenvolve-se o projeto de restauração da própria Ordem Franciscana no Brasil.<sup>2</sup> Assim, considerando a importância da conexão entre o individual e o coletivo, a intenção é seguir as trilhas do personagem integrado em determinada época em que, juntamente com seus confrades, absorvia e/ou rechaçava valores. Nisso se justifica o item 2 que discorre sobre a atenção dispensada pelos franciscanos às escolas paroquiais e a resistência às escolas de cunho laico – tanto as italianas *Dante Alighieri*, quanto as públicas.

Polycarpo Schuhen nasceu no contexto da romanização, no dia 17 de outubro de 1873, na cidade de *Recklinghausen*, Alemanha. Filho de João Schuhen e Cristina Holschmann, frequentou o ginásio de sua cidade natal e, aos oito anos de idade, em 20 de setembro de 1881, ingressou com os franciscanos no Seminário de Harreveld,

---

<sup>2</sup> SILVA, Edson Armando. *Identidades franciscanas no Brasil: a província da Imaculada Conceição – entre a restauração e o Vaticano II*. 2000. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro; SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

Holanda, pertencente à Província franciscana alemã de Santa Cruz da Saxônia. Foi ordenado sacerdote na catedral de Paderborn, Alemanha, em 23 de maio de 1899. Com 26 anos de idade, em 20 de julho desse ano, chegou à Bahia, somando, com seus confrades, um grupo de onze franciscanos missionários. Na Bahia, concluiu seus estudos de teologia.<sup>3</sup> Esteve em Pernambuco, juntamente com um grupo de missionários que fazia tentativas de trabalho com populações indígenas. De lá foi para Petrópolis (RJ); Curitiba (PR); Blumenau/Rodeio (SC). De 1917 a 1920, esteve em Santo Amaro do Cubatão (SC) – hoje, Santo Amaro da Imperatriz. Em Rodeio (SC), esteve por três períodos: de 1903 a 1906, de 1911 a 1917 e de 1920 a 1926.<sup>4</sup>

Dentre esses períodos, cumpre destacar o ano de 1913. Nesse ano, frei Polycarpo intuiu que a sugestão de frei Modestino Oechtering – a fundação de uma associação de professoras/catequistas – traria resultados em benefício das escolas paroquiais. No início de sua existência, essa agremiação foi chamada de Companhia das Catequistas e, atualmente, é conhecida como Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. O item 3 deste artigo remete às construções discursivas em torno desse assunto, bem como das possíveis intenções de frei Polycarpo.

---

<sup>3</sup> Era comum que jovens deixassem a Alemanha antes de completar seus estudos. Dentre os motivos para tal decisão estavam o desejo de ser missionário e a necessidade de aprenderem a língua. Dessa forma, o período de conclusão dos estudos servia também para aprender a língua portuguesa e se ambientar na nova terra. Entrevista concedida por Frei Dalvino Munaretto à Maria de Lurdes Gascho. Florianópolis, fev./1998. In: GASCHO, Maria de Lurdes. *Catequistas Franciscanas: uma antecipação do “aggiornamento” em Santa Catarina, (1915 – 1965)*. 1998. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 76.

<sup>4</sup> SEIFERT, Olavo R. Confrades da província franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, falecidos nos primeiros 50 anos da restauração (1891 – 1941). In: *Coleção Centenário*. Rio de Janeiro: 1990, n. 2, p. 223 – 224.



Frades e Noviços. Rodeio, 1913.  
Nº 1 – Polycarpo Schuhen. Nº 2 – Modestino Oechtering.  
FONTE: Arquivo da Província Imaculada Conceição, São Paulo.

Enfim, procura-se identificar não somente um religioso com suas intuições e valores pessoais, mas, principalmente, uma pessoa em sintonia com a Igreja Católica e com a restauração da Ordem Franciscana, instituição da qual frei Polycarpo era fiel porta-voz e via a primeira como a “mais sábia instrutora dos povos”.<sup>5</sup>

### **1 O reinício da Ordem Franciscana no Brasil**

Os franciscanos alemães da Província Santa Cruz da Saxônia, Alemanha, estão envolvidos no projeto de Restauração da própria Ordem Franciscana no Brasil. Essa Ordem se havia expandido no território brasileiro até 1760, contando com mais de mil frades, distribuídos em duas províncias: a Província de Santo Antônio, no Nordeste, com sede em Salvador, e a Província da Imaculada Conceição, no Sul e Sudeste, com sede no Rio de Janeiro.

Entrementes, em meados do século XVIII, as ordens religiosas no Brasil vão sofrendo paulatinamente um processo de decadência que se prolonga até o final do século XIX. Uma significativa parcela da historiografia explica esse processo de decadência como resultado da política anticlerical. Delimita como marco inicial o

<sup>5</sup>SCHUHEN, Polykarp. Gefahrenquellen für Leib und Seele. In: METZLER, Franz. *Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934*. Tradução: André Carlos Werle. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1934.

governo do Marquês de Pombal, culminando com o Decreto de 19 de maio de 1855, assinado pelo Ministro da Justiça José Tomás Nabuco, que determinou o fechamento dos noviciados. O impedimento do ingresso de noviços nas ordens então existentes no Brasil deveria vigorar até que se procedesse a sua reforma, que deveria ser feita por meio de uma concordata com o romano pontífice, mas que jamais foi assinada, acelerando-se a decadência das ordens religiosas.<sup>6</sup>

De acordo com Silva, a explicação para essa decadência deve ser buscada e emoldurada “em um processo cultural mais amplo que vai, progressivamente, corroendo a plausibilidade das ordens religiosas”, numa época em que a relação entre as instituições civis e eclesiásticas passava por mudanças.<sup>7</sup>

Essa crise fez a Província de Santo Antônio chegar ao final do século XIX, mais precisamente em 1891 – marco inicial da Restauração – com nove frades, e a Província da Imaculada Conceição com apenas o frei João do Amor Divino Costa.<sup>8</sup> Frei João e frei Antônio de São Camillo de Lellis Carvalho, responsável pela Província de Santo Antônio, encetaram diversas tentativas para a revitalização das províncias. Dentre elas, em 1889, frei Antônio não só conseguiu o apoio de Dom Luís Antônio dos Santos, arcebispo de Salvador, mas também o da Congregação da *Propaganda Fide*.<sup>9</sup>

A nova ordem constitucional também favoreceu a vinda dos franciscanos, uma vez que, dentre as liberdades instituídas, voltou a permitir a vinda de congregações religiosas e clero estrangeiros.<sup>10</sup> A Província Santa Cruz da Saxônia decidiu assumir a Missão Brasileira, e frei Gregório Janknecht, provincial, aceita do Ministro Geral da Ordem Franciscana a incumbência de restaurar as províncias brasileiras. Ao solicitar para os franciscanos se instalarem no Brasil, a Sé Romana objetivava a expansão do ultramontanismo, já que considerava esses frades constituírem mão-de-obra especializada, apostando num reinício dessa Ordem em terras brasileiras.<sup>11</sup> Silva ressalta

---

<sup>6</sup> MEIER, Johannes. As ordens e as congregações religiosas na América Latina. In: DUSSEL, Enrique (Org.). *Historia liberationis: 500 anos de História da Igreja na América Latina*. Tradução: Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 633 - 652.

<sup>7</sup> SILVA, Edson Armando. 2000, op. cit., p. 134 e 137.

<sup>8</sup> WILLEKE, Venâncio. *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 135.

<sup>9</sup> WILLEKE, Venâncio. A restauração da Província de Santo Antônio. In: *Revista Vida Franciscana*, ano LV, n. 52, p. 18, jun. 1978.

<sup>10</sup> DECRETOS do governo provisório da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891, art. 3º, p. 10.

<sup>11</sup> SILVA, Edson Armando, op. cit., p. 162.

que o “franciscanismo que volta ao Brasil através dos frades alemães é profundamente antiliberal” e que a “ação desses vem reforçar o movimento de bispos reformadores”.<sup>12</sup>

Monsenhor Topp, ao tomar conhecimento das negociações dessa Ordem com a Sé Romana, insistiu para que assumissem a então vacante paróquia de Teresópolis (SC), localidade do município de Águas Mornas. Esse pedido concretizou-se em 1891, ano em que quatro franciscanos chegam ao Estado catarinense e fixam residência em Teresópolis. Ainda em 1891, chegou um segundo grupo de frades, dentre os quais, Lucínio Korte e Zeno Walbroehl os quais assumem a paróquia de Blumenau que abrangia, entre outras, a localidade de Rodeio.<sup>13</sup>

## 2 Os franciscanos em Rodeio/SC

Em menos de um ano, os frades perceberam o tempo gasto nas precárias estradas e picadas, entre idas e vindas à residência de Blumenau. Foi então que se pensou em uma residência em Rodeio. Construiu-se uma nova capela/escola, de alvenaria, com pequena residência anexa para dois frades, Lucínio Korte e Germano Wunsick. Esse último assumiu a função de professor na escola paroquial, que contava com aproximadamente 120 alunos.<sup>14</sup>

Os franciscanos concentraram esforços na multiplicação do número das escolas paroquiais. Entendiam que, pela instrução escolar, se ensinavam as obrigações para com a religião. A escola era o local do controle e onde as crianças aprendiam a se comportar. Frei Humberto Themans ressalta que, nas aulas de alfabetização, se empenhava em

---

<sup>12</sup> SILVA, Edson Armando, op. cit., p. 169 - 170.

<sup>13</sup> JOCHEM, Toni Vidal. *A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860 - 1910)*. Palhoça: Ed. do Autor, 2002. Em 1906, havia quarenta franciscanos em Santa Catarina. BOLETIM eclesiástico da Diocese de Curitiba. *Justa aspiração*. Curitiba, 1906, v. 2, n. 6, p. 88. Em 14 de setembro de 1901, diante do grande número de frades, o Governo Geral da Ordem Franciscana erigiu a missão dos franciscanos alemães no Brasil, reinstituindo a categoria de províncias independentes: Imaculada Conceição, no Sul, e Santo Antônio, no Nordeste. No entanto, isso ocorreu em termos eclesiásticos, mas em termos civis foi em 1941 que se deu a fusão da Província da Imaculada Conceição, do Rio de Janeiro, e a Sociedade São Francisco de Assis, com sede em São José, SC. Assim, as duas entidades passaram a existir com o nome de Província da Imaculada Conceição do Brasil. *Chronica Provinciae Immaculatae Conceptionis Brasiliae Meridionalis*, p. 755 - 756.

<sup>14</sup> Frei Lucínio nasceu em 01/07/1866. Fez teologia em Roma. Foi pároco da Paróquia São Francisco de Assis, em Rodeio, de 1900 a 1904 e de 1907 a 1909. *Revista Vida Franciscana*, ano 18, n.1, p. 02 - 12, 1942. Frei Germano era sapateiro e pedreiro, tendo trabalhado por vários anos em Roma, no Colégio Santo Isidoro, onde também aprendeu a língua italiana. Em 1900, Rodeio é elevada à condição de paróquia independente de Blumenau e, em 1901, passa a funcionar no convento de Rodeio o noviciado da Ordem.

instruir e doutrinar os filhos dos colonos na religião católica. Assim ele registra: “com o que eu mais me preocupava era com o ensino de religião. Principalmente com a preparação para a confissão e a comunhão. Embora tivessem 15 ou mais anos, as crianças não tinham ainda confessado”.<sup>15</sup>

As escolas paroquiais eram confessionais, estando sob a inspeção dos franciscanos; as *Dante Alighieri* eram laicas e de inspiração liberal.<sup>16</sup> Frei Lucínio proibiu que o material escolar enviado pelo governo italiano fosse utilizado nas escolas paroquiais. Considerava-o perigoso e ofensivo à igreja católica: “Temos que encontrar livros com os quais os filhos sejam educados como patriotas brasileiros, e não como patriotas italianos, [...] considero aqueles livros um veneno finíssimo e escondido, isto é, uma educação sem ou com uma moral puramente natural”.<sup>17</sup>

Para frei Lucínio, esse material propiciava uma educação sem moral por não se fundamentar nos mandamentos da igreja católica, uma vez que, para esses frades, a ênfase estava nos atributos morais de uma pessoa. A moral consistia em um sistema de normas de conduta que prescreviam como a pessoa deveria conduzir-se. Dentre os requisitos exigidos para se lecionar em uma escola paroquial, a moral do professor contava em primeiro lugar. O pároco exercia o controle sobre essas escolas, nomeava e exonerava o professor.<sup>18</sup>

Entre as buscas de estratégia para reaver o controle sobre as escolas, em uma reunião com os mestres-escolas e lideranças locais, frei Lucínio declarou estar surpreso em ver tantos italianos nas escolas e que a duração disso seria momentânea, e, se por acaso continuasse, deveria esconder interesses políticos. Nessa reunião, afirmou que o material enviado às escolas pelo governo italiano, por meio do cônsul de Florianópolis, era perigoso e, por isso,

---

<sup>15</sup> THEMANS, Humberto. Viagem ao Brasil e começo da missão. In: *Coleção Centenário*. São Paulo: Província Franciscana, n. 3, 1991, p. 46 - 47.

<sup>16</sup> Para maior aprofundamento sobre os conflitos entre os líderes das escolas paroquiais e os líderes das *Dante Alighieri*, conferir OTTO, Clarícia. *Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875 – 1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.

<sup>17</sup> Carta de Frei Lucínio Korte ao cônsul Gherardo Pio di Savóia. Rodeio, 02/02/1902. Essa carta foi escrita em resposta a um relatório enviado a Roma pelo cônsul Pio di Savóia em 1901, intitulado *Gli italiani nel Nord dello stato di Santa Catarina* e publicado no *Bolletino Ministero degli Affari Esteri*. In: DALL’ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Ed. da Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre: EST, Florianópolis: Lunardelli, 1983.

<sup>18</sup> Carta ao Monsenhor Francisco Topp. Rio dos Cedros, 22/07/1913.

aconselhou todas as escolas a recusá-lo, mas em seguida continuou dizendo: ‘todas as escolas unidas faremos uma petição à Sociedade Dante Alighieri, com a declaração de que aceitaremos os seus benefícios, sob diversas condições’, sendo que a última das condições por ele elencadas era a de que o material e o subsídio fosse enviado ao convento franciscano de Rodeio.<sup>19</sup>

Essa estratégia objetivava impedir que os subsídios enviados pelo governo italiano chegassem às escolas. Em carta ao Ministro da Educação da Itália, diz não ser “justo nem conveniente retirar do clero franciscano a direção das escolas paroquiais, pois os colonos não desejam outra direção e a maior parte deles renunciaria antes ao subsídio”.<sup>20</sup>

Os líderes da comissão das escolas *Dante Alighieri*, por meio de missivas enviadas ao bispo, denunciam a pressão exercida pelos franciscanos sobre os colonos que enviavam seus filhos às escolas italianas *Dante Alighieri*. Em uma dessas cartas, consta que frei Modestino alcunhou a escola italiana instituída em Caminho dos Tiroleses de maçônica e encetou esforços para suprimi-la.<sup>21</sup>

A opinião dos italianos envolvidos no conflito e partidários da *Dante Alighieri* é a de que os franciscanos fazem guerra contra aqueles que, por necessidade, aceitam o material escolar fornecido pelo benemérito governo da Itália, a pedido deles. Dizem que os padres criticaram os livros, atacaram de maçom o governo Italiano, chamaram de infame a Regia Comissão Escolar Italiana e, além disso, caluniaram-na.<sup>22</sup>

Segundo o cronista, Pio di Savóia enviou uma carta ao frei Lucínio Korte com elogios aos franciscanos e, simultaneamente, remeteu um relatório ao ministro das relações exteriores em Roma, com calúnias contra eles.

---

<sup>19</sup> Carta de Andrea Largura a Dom João Becker. Rio dos Cedros, 27/01/1909.

<sup>20</sup> Carta ao Ministro da Educação italiano. Rodeio, 5 de dezembro de 1907. In: *Revista Blumenau em Cadernos*. Fundação Cultural de Blumenau. Blumenau: jun./1978, n. 6, p. 168. v.19.

<sup>21</sup> Carta de Andrea Largura a Dom João Becker. Rio dos Cedros, 27/01/1909.

<sup>22</sup> Carta de Andrea Largura a Dom João Becker. Rio dos Cedros, 27/01/1909. O discurso, ao remeter aos maçons e liberais, reporta-se, evidentemente, aos que apoiaram ou defenderam a Unificação Italiana consolidada em 1870. Contra esses, a Sé Romana tecera ameaças e condenações eclesiásticas. Se definido como liberal, era por ser amigo da Itália e classificado como perigoso. Se “amasse” o papa, deveria colocar-se contra a Itália. VILLA, Deliso. *Storia dimenticata*. Porto Alegre: EST, 2002, p. 163. Em uma carta aos párocos, é possível observar a opinião de Dom João Becker a respeito do governo italiano: “Quanto às escolas católicas queremos que se observe escrupulosamente o que está estabelecido em nossa carta pastoral de 12/10/1910. É preferível renunciar a qualquer subvenção de governos estrangeiros antes que sacrificar a independência das escolas e do ensino religioso. Não permitamos que o Governo italiano, inimigo declarado da Igreja e do Papa, tenha a mínima jurisdição sobre as escolas das irmãs, às quais proibimos de aceitar qualquer contribuição que não seja por nós estabelecida”. Livro Tombo de Nova Trento (1908 - 1967). Apud GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987, p. 458.

Em correspondência ao bispo, os líderes das capelas declararam admirar a abnegação dos franciscanos, o assíduo trabalho exercido por eles e tudo quanto lhes dizia respeito. Esclarecem ao bispo que não poderiam ter padres seculares, porque as rendas eram mínimas, e os padres franciscanos se adaptavam à pobreza dos colonos e viviam em seu meio parcamente e com sacrifícios heróicos. Entre outras ponderações, solicitaram ao bispo a permanência, na localidade de Rio dos Cedros, não somente de um padre franciscano, mas de pelo menos dois, para que eles pudessem organizar as capelas.<sup>23</sup>

Diante das possibilidades e do pedido de frei Lucínio, de se integrar à Régia Comissão Escolar, Dom João Becker, em carta ao vigário de Rodeio, frei Chrysóstomo Adams demonstrou dúvidas à idéia de o vigário se integrar à comissão. Expressou a sua opinião do seguinte modo:

Tenho de acrescentar a minha opinião de que não se trata simplesmente da conservação da língua italiana, mas de mais alguma coisa, se vai confirmando à medida que observo o desenvolvimento. Queiram, portanto, os Revmos. Padres continuar a fazer a mais larga propaganda das escolas católicas, sem, entretanto, atacar diretamente os adversários. [...] pela entrada na diretoria de um sacerdote, por melhor que apareça [sic] à primeira vista essa idéia, temo envolver ela, no futuro, um sério perigo para as escolas.<sup>24</sup>

A ação dos franciscanos constituiu-se, em parte, em torno do combate às escolas estatais e às escolas italianas *Dante Alighieri*, pelo fato de serem laicas. Entretanto, o combate tem a ver também com a perda de autoridade sobre as referidas escolas e de um imaginário em torno do perigo das idéias liberais dos líderes dessas escolas. Na estatização do ensino, as escolas passaram do controle da Igreja para o controle do Estado. As escolas *Dante Alighieri* também, diferentemente das paroquiais, foram regidas por líderes leigos. Nas propostas desses mentores, estavam implicadas as relações de poder; elas transmitiam visões sociais particulares, interessadas em produzir identidades sociais específicas.

Frei Polycarpo intui que recuperar o monopólio sobre as escolas era a garantia de manter as crianças numa educação católica. Em vista disso, seguindo a proposição de frei Modestino, solicitou às jovens integrantes da Ordem Terceira e pertencentes à Pia

---

<sup>23</sup> Carta dos fabriqueiros de Rio dos Cedros a Dom João Becker. Rio dos Cedros, 05/05/1910.

<sup>24</sup> Carta de Dom João Becker ao Padre Chrysóstomo Adams. Florianópolis, 13/06/1910.

União das Filhas de Maria para se disporem a assumir o serviço de professoras/catequistas nas escolas paroquiais.

### **3 Da intuição de Polycarpo e de Modestino à instituição da Companhia das Catequistas**

A oficialização da associação das professoras/catequistas foi marcada com o sim definitivo das três primeiras voluntárias, Amábile Avosani, Marina Avosani e Liduína Venturi, em 1915, na capela São Virgílio.<sup>25</sup> Nas narrativas sobre o ocorrido nesse dia, consta que frei Polycarpo estava preocupado, principalmente com Maria e Liduína, para ele, menos experientes. Antes de apresentá-las à assembléia ali reunida, perguntou às jovens se ele poderia informar que ficariam ao menos por um ano. Para surpresa, recebeu a resposta de que permaneceriam no ofício por toda a vida. Maria, em nome das três, teria afirmado: “Um ano, não, Padre. Nós queremos ficar sempre!”, ao que Frei Polycarpo disse: “Que bom, minhas filhas! Vocês me tiraram um grande peso do coração!”<sup>26</sup> A dinamização da catequese e das escolas católicas/paroquiais foi levada adiante pelas professoras/catequistas, orientadas pelos padres franciscanos e pela irmã Clemência Beninca, a qual seguia as determinações dos frades, especialmente de frei Polycarpo. Aos poucos, outras jovens foram juntando-se às primeiras.

Frei Polycarpo, homem também da Instituição, achou-se no dever de levar o fato ao conhecimento de Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Em meados de 1915, Dom Joaquim visitou a Paróquia de Rodeio e declarou que “as moças da Ordem Terceira Franciscana vivendo em certa comunidade chamem-se Catequistas e todas juntas formem a Companhia das Catequistas”.<sup>27</sup>

Na crônica da Companhia, registrou-se que,

---

<sup>25</sup> O ano de 1915 é a data oficial. Todavia, o convite de frei Polycarpo foi em 1913, e a primeira jovem a aceitar o convite foi Amábile Avosani. Frei Polycarpo entregou Amábile aos cuidados e orientação de Clemência Beninca, religiosa da Divina Providência, congregação que, a pedido dos franciscanos, havia fixado residência em Rodeio em 1905. Após dois meses de preparação, Amábile deixou a casa paterna e, em 4 de agosto de 1913, assumiu a escola da capela Santa Ana em Aquidaban (Apiúna). Segundo Valandro, a escola paroquial de Aquidaban estava sem professor desde o início de 1913, ocasião em que o professor Vittorio Moretti, devido a desentendimentos, havia abandonado a escola e comunicado a sua decisão ao frei Modestino Oechtering. VALANDRO, Ede Maria. *Em resposta ao clamor do povo... a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas*. [s.n.]. Joinville: 1990, p. 67.

<sup>26</sup> Crônica da Congregação das Catequistas. n. 1, p. 10. In: VALANDRO, Ede Maria, 1990, op. cit., p. 75. Maria e Liduína, em 1914, haviam assumido a escola da localidade de São Virgílio, em Rodeio 50.

<sup>27</sup> BONA, Filomena; VALANDRO, Ede Maria. *Madre Maria Avosani*. Rio do Sul: JAWI, 1981, p. 8.

satisfazendo o justo pedido dos bons colonos italianos da paróquia de Rodeio que há muito tempo lamentavam a falta de boas escolas paroquiais, o Revmo Pe. Polycarpo Schuhen, DD. Guardião dos Franciscanos, levado pelo zelo e amor à juventude e à salvação das almas, começou, no ano de 1913, uma instituição verdadeiramente apostólica, chamada ‘das catequistas’. Estas, são simples donzelas cristãs, de irrepreensível conduta e dotadas de um expressivo amor à juventude que somente pelo amor de Deus e sem interesse material, se dedicam à educação e instrução da mocidade, nas escolas paroquiais e, bem assim, quando necessário for, às obras de caridade, quer na cabeceira dos doentes, quer no serviço da casa de Deus, cuidando da limpeza das capelas e dos paramentos, etc. Todas são membros da Ordem Terceira do Grande Patriarca São Francisco de Assis, vivendo em castidade, pobreza e obediência, porém, **não fazem votos** [grifo da autora], estando assim, na possibilidade de entregar-se inteiramente à sua nobre vocação (e missão).<sup>28</sup>

Esse trecho é transcrição do livro Tombo da paróquia São Francisco de Assis, de Rodeio. Foi escrito no livro Tombo somente no início de 1917, ano em que frei Polycarpo fora transferido para Santo Amaro da Imperatriz. A propósito de quem teria sido o autor do trecho anteriormente transcrito, sobre a fundação da Companhia das Catequistas é difícil precisar. No entanto, pela grafia, como também pela rubrica em todo o livro, atribui-se a autoria a frei Lucínio. Na página 26, registrou-se que o grupo das Catequistas era “uma feliz herança que o novo vigário [frei Nicodemos Grundhoff] recebeu do antecessor”.<sup>29</sup> Ressalta-se que, afora o trecho citado, datado de 1917, o livro Tombo apresenta somente um retrospecto sobre a gênese da citada agremiação.

Dessa maneira, o discurso acerca da intenção do fundador, frei Polycarpo, aparece apenas como memória das pessoas que vivenciaram os fatos naquela década. Sendo assim, aquilo que se expõe como intenção do fundador, nada mais são do que fragmentos selecionados, escritos após, aproximadamente, três anos de existência da Companhia. Teriam sido frases extraídas da fala de Polycarpo? Por que ele mesmo não registrou a respeito? Essa constatação permite observar que a seleção do redator corresponde ao captado.

O que se evidencia nessas memórias é a construção de identidades, o desejo de unidade entre o(s) padre(s) e o grupo das professoras. Deveriam formar “um só corpo”, já que o frei Polycarpo e as jovens eram dotados de amor à juventude. As jovens,

<sup>28</sup> Crônica da Congregação das Catequistas. Livro n. 8, p. 5 verso. Valandro indica que a palavra *Missão* fora acrescentada posteriormente por Frei Bruno Linden. VALANDRO, Ede Maria. *Um chamado se faz caminho*. [s. n.]. Joinville: 1986, p. 18 - 25.

<sup>29</sup> Livro Tombo da paróquia São Francisco de Assis. Rodeio, p. 26.

“somente pelo amor de Deus e sem interesse material, se dedicam à educação e à instrução da mocidade nas escolas paroquiais” e “não fazem votos”.<sup>30</sup>

Segundo os registros, na intuição de frei Polycarpo, as Catequistas não professariam os votos, isto é, não seriam freiras jurídica e canonicamente. Entretanto, “seriam de irrepreensível conduta [...] vivendo em castidade, pobreza e obediência”. Sem assumir a forma de vida prescrita pelo cânone para as Congregações Religiosas, poderiam se deslocar para os núcleos coloniais mais distantes. Se fossem freiras, vale dizer, se assumissem a vida religiosa conforme o cânone, estariam elas obrigadas a observar algumas regras como a missa e a eucaristia diárias, a confissão semanal, morar no mínimo em três religiosas, entre outras prescrições. Julga-se que a intuição de frei Polycarpo teria captado que, sem vínculos com uma ordem religiosa tradicional, as jovens poderiam mais livremente exercer a função de professoras nas escolas distantes da sede. Valandro indica que frei Polycarpo, nos momentos nos quais o grupo encontrava-se desanimado, dizia: “coragem, filhas minhas” ou “avante! avante! Ou ainda a frase, “pela cruz, à luz!”.<sup>31</sup>

Ainda, diante da decisão de frei Polycarpo, um elemento a ser considerado diz respeito ao fato de a instalação das escolas italianas ter feito com que os subsídios do governo italiano, até então enviados às escolas paroquiais, fossem canalizados para as escolas *Dante Alighieri*. Ademais, o número de professores fiéis às orientações do pároco e satisfeitos com o pagamento dos pais dos alunos foi diminuindo, conforme registra o cronista do livro Tombo de Rodeio:

A existência das escolas paroquiais perigava por falta de professores competentes e por falta de recursos para a manutenção de um professor formado e com família, principalmente nos centros afastados e de escassa população, lembrou-se em boa hora, [o vigário, frei Polycarpo] de fazer apelo a uma jovem inteligente, de boa educação e profundos sentimentos religiosos da qual constava que não queria casar-se.<sup>32</sup>

Diante da dificuldade em manter financeiramente um professor com família, surge a tensão entre assumir a atividade de professor como vocação, e as questões práticas que exigiam a melhoria financeira. Além disso, ocorre a escassez de professores para as escolas paroquiais nessas localidades, porque alguns deles optam pelas escolas

<sup>30</sup> Crônica da Congregação das Catequistas. Livro n. 8, p. 5 verso.

<sup>31</sup> Apud VALANDRO, Ede Maria. 1986, op. cit., p. 59.

<sup>32</sup> Livro Tombo da Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio, n.1, p. 26.

*Dante Alighieri* e também pelas estatais. O cronista diz também que os colonos “lamentavam a falta de boas escolas paroquiais” e foi em resposta aos seus apelos que frei Polycarpo fundara a agremiação das catequistas. Salienta-se que, salvo esse registro, os demais demonstram que a maior preocupação fora do clero. Nesse período, a atividade de professor nos núcleos coloniais era essencialmente masculina, com raras exceções. Surge, em face disso, o questionamento acerca do motivo de o frei Polycarpo ter feito o convite às mulheres/moças e não aos homens/rapazes, integrantes da União de São José.

Considera-se que a experiência, desde 1905, provava ao referido frade que a escola da igreja matriz em Rodeio era a mais estruturada devido à atuação das religiosas da Congregação da Divina Providência. Ademais, convém lembrar que os franciscanos instalados em Rodeio eram alemães. Embora haja as especificidades locais, possivelmente algumas de suas estratégias relativamente às escolas e à fundação da Companhia têm a ver com a história da educação elementar alemã do século XIX.<sup>33</sup>

De igual modo, ao registrar a fundação da Companhia, o cronista franciscano em Rodeio diz que as professoras catequistas viveriam em castidade, pobreza e obediência, estando assim, na possibilidade de se entregarem “inteiramente à sua nobre vocação (e missão)”.<sup>34</sup> Esse registro data de 1917, coincidindo com o decreto da Lei do Celibato, em Santa Catarina. Essa lei determinava que as candidatas matriculadas na Escola Normal, diplomadas e nomeadas professoras no ensino primário, perderiam o cargo caso viessem a contrair matrimônio.<sup>35</sup>

O grupo das catequistas, em parte, resolveu a crise das escolas paroquiais e somou no processo de feminização do ensino primário. Já para os imigrantes, a escola paroquial ensejou significados diversos, o que se pode verificar na missiva remetida ao bispo pelo frei Polycarpo, pela qual informa estar Joaquim Moratelli “fazendo uma subscrição para uma escola pública em Rodeio nº 12 e obteve 36 assinaturas. [...] Justamente estes italianos reclamam uma escola do governo para se verem livres de qualquer pagamento”. Nessa carta, frei Polycarpo ainda afirma que “todos aqueles que

<sup>33</sup> KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

<sup>34</sup> Crônica da Congregação das Catequistas. Livro n. 8, p. 5 verso.

<sup>35</sup> Lei n. 1187 de 5/10/1917. Apud FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano*. Florianópolis: Secretaria da Educação, 1975.

trabalham diretamente para destruir uma escola paroquial pecam e pecam mortalmente”.<sup>36</sup>

Assim, devido à desaprovação dos franciscanos, as escolas públicas, algumas vezes, foram instaladas à força. O juiz de Direito de Blumenau assim se reporta ao frei Nicolau: “Amanhã vou com a força militar para tomar a escola e se frei Polycarpo fizer a mínima resistência eu o mando preso”.<sup>37</sup> De posse dessa informação, frei Polycarpo enviou Maria Avosani, então Superiora da Associação da Companhia das Catequistas, para a localidade de Rodeio Doze, dizendo-lhe: a “senhora vai preparar as catequistas e se vier a autoridade diga que só à força as catequistas saem da escola”. Essa religiosa atendeu à solicitação; entretanto, estando ela na escola, chegaram os senhores Amadeo Luz e Orestes Guimarães com um soldado. Ao entrarem na escola, Orestes Guimarães declarou: “de hoje em diante, esta escola será pública”.<sup>38</sup>

### **Frei Polycarpo: um educador incansável...**

De Santo Amaro da Imperatriz, frei Polycarpo foi enviado para Não-Me-Toque (RS), lá permanecendo entre os anos de 1926 e 1931. De 1931 até 1939, exerceu seu apostolado em União da Vitória (PR). Em 1934, há o registro de uma palestra proferida aos padres jesuítas em Porto Novo. Nesse texto, é possível observar que, para frei Polycarpo, o elemento fundamental era a instauração e a preservação da fé católica. A educação escolar é apontada por ele como um dos principais veículos para atingir esse objetivo.

O texto da referida palestra intitula-se “Fontes de perigo para o corpo e para a alma”. Indica que as fontes de perigo são as “colônias mistas”, por ele compreendidas as colônias com mistura de confissões religiosas e também de nacionalidades. Argumenta que, se numa colônia existirem vários credos, ocorrerão casamentos mistos. Enfatiza que estes são condenados com veemência pela igreja católica. Segundo ele, o número de católicos diminui além de haver o enfraquecimento na fé; é impossível manter as

---

<sup>36</sup> Carta de Frei Polycarpo para Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Rodeio, 20/03/1921.

<sup>37</sup> Frei Nicolau tinha sido enviado pelo frei Polycarpo para comunicar ao juiz de direito de Blumenau que, desde 1878, a posse do terreno e da escola paroquial em Rodeio Doze era da Igreja.

<sup>38</sup> Carta de Frei Polycarpo a Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Rodeio, 20/03/1921. Livro Tombo da Paróquia de Rodeio. p. 35. v 1.

crianças, mesmo que batizadas na igreja católica, numa verdadeira educação católica, além de ser impossível fundar escolas com orientação religiosa.

Para frei Polycarpo, mesmo em menor grau, também a mistura de nacionalidade constituía perigo para a fé pois, nessas colônias, o espírito comunitário e o serviço religioso comunitário – apoios da fé – estariam ausentes. Pergunta ele:

E como ficam as escolas em tais colônias? Não é prioridade que se façam esforços e mais esforços para a fundação de escolas? Se forem formadas colônias fechadas, alemãs, italianas, polonesas, e assim por diante, e em cada uma forem direcionados os incentivos, com toda força e energia, para o ensino da língua nacional (português), se for conferido, na minha opinião, maior importância às escolas, tem-se depois de alguns anos, verdadeiras escolas e colônias alemã-brasileiras ou ítalo-brasileiras.<sup>39</sup>

Todavia, também aponta os perigos para a fé nessas colônias fechadas e salienta o egoísmo, a cobiça, a sensualidade e o despotismo.

A vida de frei Polycarpo teve fim trágico em União da Vitória, na madrugada do dia 22 de agosto de 1939, vítima de assaltantes na própria residência. Contava 66 anos de idade, quarenta deles vividos no Brasil; para ele, país “tão belo e cordial”.<sup>40</sup> Levado de caminhão para o hospital de Porto União (SC), faleceu nessa mesma madrugada, em consequência da bala que lhe havia perfurado os intestinos e se alojado na espinha dorsal.<sup>41</sup>

Oxalá seu vigor missionário, seu empenho em prol da educação e apelo de juntar “esforços e mais esforços para a fundação de escolas” não seja esquecido.

## Referências Bibliográficas

BONA, Filomena; VALANDRO, Ede Maria. *Madre Maria Avosani*. Rio do Sul: Jawi, 1981.

DALL’ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Ed. da universidade de Caxias do Sul; porto Alegre: EST, Florianópolis: Lunardelli, 1983.

FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano*. Florianópolis: Secretaria da Educação, 1975.

<sup>39</sup> SCHUHEN, Polykarp. *Gefahrenquellen für Leib und Seele*. In: METZLER, Franz, op.cit.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> SEIFERT, Olavo R. 1990, op. cit., p. 223 – 224.

GASCHO, Maria de Lurdes. *Catequistas franciscanas: uma antecipação do “aggiornamento” em Santa Catarina, (1915 – 1965)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

GROSSELI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

JOCHER, Toni Vidal. *A formação da colônia alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860 – 1910)*. Palhoça: Ed. do autor, 2002.

KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

MEIER, Johan. As ordens religiosas na América Latina. In: DUSSEL, Enrique (org.). *História liberationis: 500 anos de História na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1992.

OTTO, Clarícia. *Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875 – 1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. A volta da história política e o retorno da narrativa histórica. In: SWAIN, Tânia Navarro (org.). *História no plural*. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

#### **Arquivos Consultados**

SEIFERT, Olavo R. Confrades da Província franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, falecidos nos primeiros 50 anos da restauração (1891 – 1941). In: *Coleção Centenário*. Rio de Janeiro: 1990, n. 2.

SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SCHUHEN, Polycarp. Gefahrenquellen für Leib und Seele. In: METZLER, Franz. *Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934*. Tradução: André Carlos Werle. Porto Alegre: Tip. do Centro, 1934.

SILVA, Edson Armando. *Identidades franciscanas no Brasil: a província da Imaculada Conceição – entre a restauração e o Vaticano II*. 2000. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

VALANDRO, Ede Maria. *Em resposta ao clamor do povo... a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas*. [s.n.]. Joinville: 1990.

\_\_\_\_\_. *Um chamado se fez caminho*. [s.n.]. Joinville: 1986.

VILLA, Deliso. *Storia dimenticata*. Porto Alegre: EST, 2002.

WILLEKE, Venâncio. *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. A restauração da Província de Santo Antônio. In: *Revista Vida Franciscana*, ano LV, n. 52, jun./1978.

### **Arquivos Consultados**

- Arquivo da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, Joinville.
- Arquivo da Província Franciscana Imaculada Conceição de São Paulo.
- Arquivo do Convento Franciscano de Rodeio.
- Arquivo Eclesiástico de Florianópolis.
- Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, Blumenau.
- Arquivo Particular de Toni Vidal Jochen.